

## CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO

*Inácio Strieder\**

A partir do século XIX a biologia demonstrou que os seres vivos seguem um processo evolutivo. Apesar de haver ainda muitos saltos, não bem esclarecidos, na teoria da evolução, contudo, na prática, hoje em dia é difícil negar uma evolução no desenvolvimento das espécies de seres vivos. Frente a esta constatação, coloca-se o problema: como harmonizar esta realidade científica com a tradição bíblica da criação do mundo. Será que o reconhecimento duma evolução universal nega a criação dos seres por Deus? Será que os enunciados bíblicos sobre a formação do mundo possuem valor perene, ou surgiram eles à base de uma concepção mitológica do mundo?

### **Os mitos da criação**

No mundo cultural dos antigos israelitas existiam tradições que não falavam apenas em uma criação, mas também de um surgimento do mundo. Estas duas considerações sobre a origem do mundo, propriamente, não se opõem entre si. Os elementos primigênicos, donde o mundo teria surgido, poderiam tanto ser criados como eternos. Mas, inicialmente, não existia a necessidade de distinguir entre estes dois aspectos. No que se refere ao “mito” da criação, sua intenção era demonstrar que a firmeza e a subsistência do mundo dependiam da divindade criadora. Devido a isto, os homens tinham a obrigação de cultuar o Deus Criador.

Os povos babilônicos comemoravam todos os anos a renovação de todos os seres. Durante os festejos de renovação, recitavam um relato épico sobre a criação do mundo.

Fundamentalmente os mitos da origem do mundo de elementos primigênicos e da criação a partir do nada, tinham a mesma função: cultuar e louvar a Deus, ou as forças conservadoras do mundo. Estabelecia-se uma relação direta entre o mito e a realidade presente, entre a origem dos seres e sua situação atual.

A mesma função, que se constata nos mitos, constata-se também nos relatos bíblicos sobre a origem do mundo e do homem. A constância da ordem no desenvolvimento desse mundo é apresentada como uma obra criadora da bondade divina. O escritor bíblico manifesta esta sua ideia com a intenção de acentuar que o Deus Javé está na origem de todas as coisas e as mantém. Espera-se, por isto, que, também no presente, continuará a zelar por sua obra, merecendo assim o culto de todo o povo.

As narrações bíblicas sempre distinguem claramente entre a natureza de Deus e a natureza de sua criação. Em mitos sobre a criação de povos não bíblicos não é assim. Muitas

vezes confundem o deus criador com suas criaturas, demonstrando um certo panteísmo. Frente a este panteísmo, no livro bíblico das origens, ensina-se que o mundo foi criado. Isto, no entanto, não significa que no Gênesis se detalhe todo o processo desta criação.

O autor bíblico fala na linguagem de seu tempo, e com os ensinamentos que lhe eram acessíveis em seu tempo histórico. Não usa linguagem científica. O único ensinamento perene que quer transmitir é a afirmação de que o universo, a terra com suas plantas e seus animais, e tudo o mais que existe, surgiu sob o comando do Criador Supremo. Um tal comando, entende-se, também existiria num processo evolutivo. A partir daí não haveria nenhuma dificuldade em se admitir que poucos seres, inicialmente criados, posteriormente se desenvolveram na multiplicidade dos seres hoje existentes. O mundo não foi criado acabado em suas formas. A criação ainda continua. E a evolução nada mais é do que uma “criação continuada”.

### **Criação e evolução**

Seria absurdo supor que as antigas narrações bíblicas sobre a criação do mundo e do homem conhecessem a problemática atual da evolução das espécies, e tivessem tentado solucioná-la. A questão da evolução apenas se tornou aguda com o desenvolvimento das ciências naturais, a partir do século XIX. As dificuldades com os textos bíblicos surgiram porque se interpretavam estes textos de forma literal. Por outro lado, admitia-se que a cosmovisão, na qual se baseavam, possuía valor perene. Naturalmente, a cosmovisão babilônica, de dois mil anos antes de Cristo, que também é a cosmovisão bíblica, sob muitos aspectos, já não resiste aos conhecimentos dos nossos dias.

Não podemos aqui expor todas as teorias sobre a evolução dos seres vivos, mas uma linha fundamental, constatável em todas elas, parece ser a seguinte: “Do já existente se desenvolvem formas novas, as quais evoluem de estágios inferiores para estágios superiores. Portanto, do menos perfeito para o mais perfeito”. A convicção da fé evolucionista baseia-se, justamente, sobre o fato de que o desenvolvimento dos seres se processa do menos desenvolvido para o mais desenvolvido. Toda evolução supõe, porém, a já existência do ser a evoluir. Uma evolução do nada não seria pensável.

As ciências naturais admitem, hoje, unanimemente, como conhecimento certo, que o mundo, e os seres nele existentes, de fato evoluem a partir de um estágio mais primitivo de existência. Nesta evolução, de tempos em tempos, se tornam ativas leis, já existentes nos estágios evolutivos anteriores, as quais agem durante um período mais ou menos longo.

Não é absolutamente certo, mas muito provável, que todo o cosmos tenha uma idade que não ultrapassa os 15-18 bilhões de anos. O nosso sistema solar teria surgido há cerca de 4-5 bilhões de anos. Nesta busca de um início do Universo, é convicção generalizada entre os cientistas de que a matéria não é eterna. Nem se consegue provar que, eventualmente, antes do mundo atual existiram outros mundos, pois as leis naturais conhecidas somente são válidas para o nosso mundo. Assim como as teorias sobre o surgimento do mundo material, em grande parte, são apenas conjecturas, os cientistas, até hoje, ainda não conseguiram explicar, de forma satisfatória, a origem da vida na terra. Apesar disto, é certo que os elementos orgânicos, portadores imediatos da vida, os aminoácidos, possuem a capacidade de formar um longo processo evolutivo.

Ao menos desde o período geológico do cambriano, que iniciou há cerca de 600 milhões de anos, até aos nossos dias, há uma relativa constância na transformação das formas de vida. Esta é uma constatação real e objetiva. Nós, porém, como indivíduos limitados no tempo e no espaço, somente conhecemos os seres vivos como descendentes de outros seres semelhantes a eles. Daí a nossa conclusão precipitada de que a continuidade da vida deva ser sempre uma continuidade por descendência, gerando indivíduos da mesma espécie. Na verdade, hoje, é conhecimento pacífico de que dentro das mesmas espécies ocorreram bifurcações múltiplas, através de múltiplos estágios evolutivos. Sem dúvida, em algum destes estágios, se encontra também a evolução da humanidade.

Grandes teólogos e filósofos cristãos concordam com a hominização, a evolução de nossa dimensão física, mas, em geral, comentam de que o despertar do espírito humano não poderia ser uma simples consequência de um processo evolutivo mecânico. Para que o homem adquirisse a dimensão espiritual teria que ter havido uma intervenção positiva do Criador em favor do homem.

### **Evolução e Bíblia**

No nível religioso, os conhecimentos das ciências naturais sobre a evolução somente causam problemas àqueles que tomam as narrações bíblicas sobre a criação do mundo e do homem ao pé da letra, considerando-as reportagens históricas sobre a origem do mundo. Mas, a moderna interpretação da Bíblia já demonstrou que as narrações bíblicas sobre a criação do mundo não têm a intenção de enriquecer nossos conhecimentos no campo da história natural. Por isto, é um equívoco querer confrontar os relatos bíblicos sobre a criação com os resultados das ciências naturais, relativos à evolução. Se assim procedêssemos, nos

assemelharíamos a quem quisesse equiparar uma poesia sobre o céu estrelado com uma descrição astronômica deste mesmo céu. Poesia é poesia, relato científico é ciência.

Para quem crê no Deus Criador não deveria causar espécie que este mesmo Deus tivesse sido capaz de inserir neste seu mundo as sementes da evolução. O criador da teoria da evolução, Charles Darwin, deixou escrito ao final de seu livro “A Origem das Espécies”: “É realmente algo maravilhoso que o Criador tenha colocado em apenas uma, ou em poucas formas de vida iniciais, a energia de evoluir para a multiplicidade de formas que hoje encontramos entre os seres vivos”.

Seria errôneo supor que todo aparecimento de um novo ser exigisse a intervenção direta do Criador. Deus não se reduz a um “deus ex machina”, que intervém onde os nossos conhecimentos encontram seus limites. A nossa ignorância não se resolve prendendo Deus às causas intramundanas. Mais adequado é considerar o Criador apenas como o fundamento e o conservador dos seres existentes. Isto é o essencial. Isto nos leva a compreender que a evolução biológica das espécies vivas não exclui a necessidade de sua criação. A evolução nada mais é do que uma criação continuada, em que os próprios seres participam ativamente. Talvez, de fato, Deus somente criou aquilo que a evolução não pôde produzir.

## **Conclusão**

O tema da evolução nos traz à memória uma realidade muito humana: a limitada história da humanidade. Milhões de anos antes que o homem aparecesse na terra, dinossauros, répteis, aves e mamíferos de aspectos estranhos, muitas vezes terríveis, habitavam nosso planeta. Muitas destas espécies desapareceram, com ou sem a intervenção do *homo sapiens*. Mas, desde que esta espécie de mamíferos apareceu, ele começou a tomar conta da terra, mostrando-se o rei da criação. E por que não dizer: o ápice da evolução?

---

\* Inácio Strieder é professor de filosofia –Recife/PE.